



VI ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS (ENALIC) V SEMINÁRIO NACIONAL DO PIBID

IV Encontro Nacional de Coordenadores do PIBID
X Seminário Institucional PIBID\PUCPR

14, 15 e 16
de dezembro de 2016

Curitiba | Paraná | Brasil

O FLUIDO E O IMAGINÁRIO: OS (DES)LIMITES DA LÍNGUA NO CONTEXTO ESCOLAR

Rairy de Carvalho Gomes¹

Eixo Temático: Educação, diversidade e Inclusão social – com ênfase na relação entre educação, as culturas populares e movimentos sociais.
Agência Financiadora: Capes

Quando se afirma que o sujeito é formado por histórias, experiências e memória é inevitável não pensar em linguagem, em registro por meio da fala e da escrita. Sabe-se que a história da humanidade se iniciou pela oralidade, sendo fundamentada pela escrita e pelos instrumentos linguísticos que surgiram ao longo da história: as gramáticas e os dicionários (AUROUX, 2009). Marcuschi (1997) afirma que o indivíduo é antes de tudo um ser que fala e que a obtenção da língua escrita é uma questão de letramento. No entanto, Marcuschi (Ibidem) defende que fala e escrita são um contínuo, partindo então do pressuposto de que a língua escrita é também reflexo da experiência, da vivência, da história do sujeito, e não somente, reflexo de um processo de letramento. Para Orlandi (2009), há ainda a heterogeneidade da língua portuguesa, que se constituiu em um país colonizado e multilíngue. Segundo a autora, essa relação pode ser vista nos conceitos de língua fluida e língua imaginária. Língua fluída é a língua que está em constante movimento, a língua que ultrapassa os meios de padronização, e é a partir dessa fluidez que o sujeito se reconhece enquanto parte de um processo social, como um sujeito que fala, que tem representatividade enquanto falante. Já a língua imaginária, é a língua padronizada, a língua embebida de ideologias e de uma representação de prestígio frente às demais variações existentes da língua, sinônimo de dominação sociocultural, e posta como um bem cultural desejável (MARCUSCHI, 1997; ORLANDI, 2009). Para refletir sobre esses temas, o presente trabalho pretende discutir duas questões centrais: a) Como relacionar fala e escrita, língua fluida e língua imaginária no contexto escolar. b) Quais as dificuldades enfrentadas no ensino ao compreendermos que a linha que divide fala e escrita, língua fluida e língua imaginária encontra-se cada vez mais tênue? É sob essa perspectiva que este trabalho tem como objetivo propor uma reflexão sobre os (des)limites da língua, discutir como o processo imaginário afeta o processo de escolarização da língua, fazendo com que o sujeito não se reconheça na própria língua, a língua ensinada na e pela escola (ORLANDI, 2009). Dessa forma, ao apresentar a discussão acerca da língua imaginária e fluida, apontamos reflexões sobre como repensar o ensino de língua portuguesa e, sobre como ocorre a escolarização da língua nacional na escola, levando em consideração o sujeito de forma unitária, suas particularidades e singularidades. Ao identificar e apontar possíveis propostas para o ensino da língua portuguesa, procuramos tornar o sujeito parte integrante em meio ao processo regente de instrumentalização da língua, da padronização do ensino de língua portuguesa por meio dos livros didáticos e a partir dos pressupostos defendidos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's, 1997). Têm se aí um desafio, uma vez que é notório que a escola lida com múltiplos sujeitos, todavia, a língua enquanto um produto social, é passível de ressignificações constantes, indissociável da cultura (MARCUSCHI, 2007), ou seja, da história e da memória do sujeito (ORLANDI, 2009). Citando como exemplo o guia do Plano

¹ Universidade Católica de Brasília, rairydecarvalho@gmail.com.

Realização:



Apoio:





14, 15 e 16
de dezembro de 2016

VI ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS (ENALIC) V SEMINÁRIO NACIONAL DO PIBID

IV Encontro Nacional de Coordenadores do PIBID
X Seminário Institucional PIBID\PUCPR

Curitiba | Paraná | Brasil

Nacional do Livro Didático (PNLD, 2015) do Governo Federal do Brasil, os autores do guia (manual) tratam a variedade linguística no ensino de língua portuguesa como fator determinante na formação e construção do sujeito, propiciando ao sujeito um repertório linguístico suficiente para ser utilizado em diferentes contextos de uso. Todavia, há de se questionar se realmente a escola, de forma estrutural intelectual, está preparada para tal missão. De acordo com dados recentes da Empresa Brasil de Comunicação (2016), mais de 200 mil professores estão atuando em diversas áreas sem a formação ou qualificação devida, esse quantitativo representa cerca de 38,7% dos professores da rede pública de educação. Ao interpretar tais dados, depreende-se que se torna quase que inviável uma unidade no ensino no país. Os próprios PCN's do ensino de língua portuguesa reconhecem que a demanda durante as últimas décadas mudou, pois, o documento entende que o processo de aquisição de leitura e escrita transpassa o limiar de memorização e reprodução, o que para Marcuschi (2007) será chamado de letramento, ou seja, não necessariamente um processo atrelado à escolarização, mas sim, à experiência e ao conhecimento que o sujeito carrega consigo. A pergunta que permeia toda a produção apresentada é: de que forma a escola é capaz, e capacitada, para lidar com esses (des)limites da língua, com o reconhecimento da pluralidade linguística-cultural? A dicotomia contínua, entre língua fluida e imaginária, apresentada aqui nesse trabalho pôde ser comprovada por meio de um trabalho realizado no PIBID UCB pelo subprojeto Letras - Português. O subprojeto conta com uma oficina voltada à produção textual com foco no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). As oficinas foram ofertadas e aplicadas para alunos do 2º e 3º anos do Ensino Médio do Centro de Ensino Médio 03 de Taguatinga, Distrito Federal. O objetivo da oficina era apresentar os elementos textuais necessários a discussão do texto dissertativo-argumentativo e trabalhar com a prática da reescrita, dessa forma desenvolver a capacidade reflexiva do aluno no próprio textos por meio do distanciamento, por conseguinte, a reescrita. Constatou-se uma melhora qualitativa e quantitativa dos estudantes participantes no período da oficina, todavia, quando esses alunos foram colocados a produzir novamente em contexto escolar a melhora fora mínima. Desse modo, pode-se afirmar que movimentos situacionais de ensino e aprendizado da norma padrão, ou da língua imaginária, não coloca o estudante em seu ambiente primeiro de expressão, tornando a vida real, a língua do dia-a-dia, um objeto distante da realidade da escolarização. Ou seja, a língua ensinada na escola é distante da fluidez linguística do cotidiano. Os dados preliminares da pesquisa apontam para o real (des)limite entre as variações dialetais e a norma padrão e sua aplicação no contexto escolar. Isso afirma a real necessidade do programa mínimo, sugerido por Possenti (2004), onde a universidade, em seu papel formador, deve estar em constante diálogo com a escola e seu contexto social.

Palavras-chave: língua imaginária; língua fluida; deslimites.

Referências

Agência Brasil de Comunicação. **Quase 40% dos professores no Brasil não têm formação adequada.** Disponível em <
<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-03/quase-40-dos-professores-no-brasil-nao-tem-formacao-adequada>> Acesso em: 05 de out. 2016.

AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização.** Trad. Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2 ed. 2009.

Realização:



Apoio:





14, 15 e 16
de dezembro de 2016

VI ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS (ENALIC) V SEMINÁRIO NACIONAL DO PIBID

IV Encontro Nacional de Coordenadores do PIBID
X Seminário Institucional PIBID\PUCPR

Curitiba | Paraná | Brasil

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa.** Brasília: Secretaria de Educação Fundamental. 144p.

Brasil. **Guia de livros didáticos:** PNLD 2016: Alfabetização e Letramento e Língua Portuguesa: ensino fundamental anos iniciais. Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2015.

MARCUSCHI, L. A. **Oralidade e Escrita.** Revista Signótica, Góias, V.9 n. 1, p.119-145, jan./dez. 1997.

_____. Oralidade e letramento como prática sociais. *In:* MARCUSCHI, L. A.; DIONISIO, A. P. **Fala e Escrita.** 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p.31-56.

Orlandi, E. P. **Língua brasileira e outras histórias: discurso sobre a língua e o ensino no Brasil.** Campinas, SP: Editora RG, 2009.

POSSENTI, S. Um programa Mínimo. *In:* BAGNO, Marcos (org.). **Linguística da Norma.** 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004. p.317-332.

SAUSSURE, F.; BALLY, C.; SECHEHAYE (Coord.). **Curso de Linguística Geral.** 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

Realização:



Apoio:

